

**O COTIDIANO DE LEITURA NOS DEZ PRIMEIROS ANOS DA  
BIBLIOTECA NACIONAL  
E PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO (1833 - 1843)  
ROMANCE - A PREFERÊNCIA DENTRE AS OBRAS DE *BELLAS-  
LETRAS***

Débora Cristina BONDANCE ROCHA  
(Orientadora): Márcia Azevedo de Abreu

**RESUMO:** Na tentativa de retratar as preferências de leitura em meados do século XIX, dentre obras de *bellas-lettas*, analisamos os cinco primeiros dos quatorze códices de registro de freqüentadores da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro, nos anos de 1833 a 1843. Do mesmo modo, procuramos apresentar as condições de leitura na época nesta instituição, que é o primeiro espaço público de leitura no Brasil. Assim, tal ensaio é um breve relato da pesquisa, em andamento, acerca da circulação de *Leituras e leitores na Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro (1833 - 1856)*, financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e vinculada ao projeto temático "Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX".

**Palavras-chave:** história da leitura – biblioteca – Rio de Janeiro – romance – século XIX

A trajetória deste ensaio tende a revelar parte dos anseios que me levaram a essa pesquisa. Despertada por um interesse, que acredito partilhar com alguns pesquisadores, estudantes e até mesmo curiosos de literatura: o desejo de saber o que liam os homens de letras, assim como os demais leitores de séculos atrás.

Brito Broca em "O que liam os românticos" (BROCA, 1979) tece alguns comentários a respeito deste universo fascinante das relações que envolvem a leitura de homens de letras dos oitocentos. Para fazer tais considerações, parte de relatos pessoais de autores ou de pessoas próximas a eles, assim como de citações, nomeações, ou paráfrases nas obras destes escritores, referentes à leitura e a outros autores. Broca diz que, a seus olhos, os românticos não pareciam ler muito, e sim, eram livrescos. Refletindo sobre os comentários do crítico, é possível notar a leitura sendo utilizada como uma instância de poder simbólico (CHARTIER, 1999), na qual "O desejo de mostrar leitura torna-se evidente." (BROCA, 1979, p. 97).

Além do campo de estudo acerca da leitura apresentado por Broca, outras perspectivas têm chamado a atenção de estudiosos, principalmente a partir de meados dos anos 80 (VILLALTA, s/d). Darnton, em seu capítulo no livro "Práticas da Leitura" (CHARTIER, 1999), buscou traçar um perfil de outro tipo

de leitor, por ele denominado "comum", aquele que não é homem de letras<sup>1</sup>. O leitor em questão era o protestante Jean Ranson, de 27 anos em 1774<sup>2</sup>, data que marcou o início de sua correspondência a Sociedade Tipográfica de Neuchâtel (STN). Foi o único dossiê deste tipo encontrado nos arquivos da STN<sup>3</sup>. Seu correspondente era Frédéric-Samuel Ostervald - fundador da Sociedade e seu antigo professor. Além de trocarem informações familiares, Darnton relatou que também comentavam sobre literatura nas cartas em que fazia pedidos de livros para seu acervo pessoal. Foram solicitados 59 livros ao longo de onze anos, quantidade considerada expressiva para uma biblioteca particular. Foi por meio destas missivas que o historiador relacionou as possíveis leituras deste "leitor 'comum'", que tinha predileção por Jean-Jacques Rousseau.

No Brasil é difícil encontrar registros desse tipo, mas a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ainda guarda boas surpresas para o pesquisador de história do livro e da leitura.

A referida instituição, denominada de Biblioteca Nacional somente desde 1878, foi a primeira de caráter público na colônia (LAJOLO & ZILBERMAN, 1998). Além de reconstituir a memória histórica de Portugal, a Biblioteca foi uma instância de poder da coroa, bem como uma representação de "todos os saberes acumulados, todos os livros alguma vez escritos" (CHARTIER, 1990, p. 96). Levando em consideração tais fatores, a transferência<sup>4</sup> da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro<sup>5</sup> foi uma das propostas de modificações estruturais da colônia, na tentativa de atender às necessidades do novo contexto social, alterado com a vinda da coroa portuguesa ao Brasil em 1808.

---

<sup>1</sup>. A partir desta vertente de investigação da leitura, não apenas voltada aos homens de letras, mas também a "homens 'comuns'", restringi meu objeto de pesquisa aos consulentes da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro, em meados do século XIX.

No entanto, é necessário ponderar a expressão "leitor 'comum'" empregada por Darnton, uma vez que se refere àqueles leitores que não são especializados ou do meio acadêmico (tais como os leitores citados por Broca).

<sup>2</sup>. Período do Antigo Regime na França.

<sup>3</sup>. Este dossiê tem 47 cartas conservadas, sendo que o total de cartas nos arquivos da STN é de, aproximadamente, cinquenta mil.

<sup>4</sup>. Juntamente com a corte, desembarcou a primeira remessa de livros para a instituição, formada a partir da coleção da Real Biblioteca da Ajuda de Lisboa. Os lotes de livros faltantes foram enviados em duas viagens em 1811.

<sup>5</sup>. Ao entrar em contato com as fontes primárias dos códices de registro foi possível perceber que desde o primeiro livro, datado de 1833, a nomeação de tal instituição é Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro, ao invés de Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro - como constava nas fontes bibliográficas.

A data de fundação oficial da Biblioteca é de 29 de outubro de 1810, quando o príncipe regente assina o decreto para a sua instalação, no segundo piso da Ordem Terceira do Carmo. Este lugar era um hospital e não atendia às necessidades da Biblioteca, que foi ampliada para o térreo. Ao longo deste período a consulta se restringiu àqueles que tivessem uma autorização real<sup>6</sup>. Assim, em 1814, depois de organizada, a Biblioteca foi aberta oficialmente ao público.

Em 1821 o bibliotecário português Luís Joaquim dos Santos Marrocos<sup>7</sup> e dois religiosos (frei Gregório José Viegas e frei Joaquim Damaso) perceberam a necessidade de criar um Estatuto para a instituição. No que diz respeito aos parágrafos de número 23 e 24 do referido documento, tem-se a indicação do horário de funcionamento das 9h às 13h e das 16h30 ao anoitecer (APUD: MARTINS, 2001). Num período posterior, muda o horário de funcionamento da Biblioteca, como é possível observar no anúncio do Almanack Laemmert, transcrito a seguir (APUD: AUGUSTI, 1998):

Biblioteca Nacional e publica da corte.

Rua do Carmo, entrada pelo corredor da ordem terceira.

Está aberta todos os dias úteis, desde as 9 horas da manhã até as duas da tarde.

N'esta repartição são admittidas todas as pessoas que se appresentarem decentemente vestidas. Presta-se-lhes todos os livros que pedirem (havendos) e bem assim, papel, pennas e tinta para se fazer qualquer apontamento.

Não é permitido a qualquer pessoa de fora tirar livro algum das estantes, nem pó-lo; mas dirigir-se aos Empregados que para esse fim estiverem presentes. (Grifo nosso)

É interessante assinalar uma seleção quanto aos consulentes que freqüentaram a instituição, pois para usufruir do espaço da Biblioteca as pessoas precisavam estar "decentemente vestidas".

Mesmo com as normas propostas pelo Estatuto, as perdas que o acervo da Biblioteca Nacional e Pública vinha sofrendo continuavam (SCHWARCZ, 2002). Com isso, os bibliotecários tomaram novas resoluções e em 1833 criaram um livro cotidiano de registros de consulentes. Ao todo, há quatorze códices ao longo dos vinte três anos nos quais as visitas foram arquivadas (1833

---

<sup>6</sup>. Ainda vale destacar que a instituição não permitia o empréstimo de livros.

<sup>7</sup>. Luís Joaquim dos Santos Marrocos viera ao Brasil na mesma embarcação que o segundo lote de livros da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro em 1811.

a 1856)<sup>8</sup>. O procedimento foi retomado apenas em 1964, na forma de cadastro de leitores.

Tais códices de registros tinham como função administrar as visitas ao estabelecimento, assim como as leituras realizadas, com vistas a assegurar a integridade do acervo. Em cada livro há indicação do dia, nome do leitor e obra consultada.

Analisando os dez primeiros anos dos códices de registro da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro, referentes ao período de 12 de outubro de 1833 a 30 de dezembro de 1843, é possível perceber que a preferência dos leitores dirigia-se às obras de prosa ficcional, dentre as obras de *bellas-lettas*<sup>9</sup>. Neste período, contabiliza-se um número aproximado<sup>10</sup> de consultas para: prosa de ficção - 1.275, poesia - 643, relatos de viagens - 256, teatro - 98.

Os gêneros mais prestigiados naquela época eram a poesia e o teatro, portanto, poderia se esperar que fossem os tipos de leituras realizados num espaço institucionalizado. Ainda mais sabendo que o romance, gênero mais consultado, não era considerado bem visto em meados dos oitocentos (AUGUSTI, 2006; VASCONCELOS, s/d). Isso ocorria em detrimento de questões como: a moral, "a questão da utilidade (a leitura de romances seria uma perda de tempo), a questão estética (a leitura dessas obras estragaria o

---

<sup>8</sup>. Tais Códices de Consulta Pública podem ser encontrados no Acervo de Manuscritos (I-16, 4, 7-20), na Biblioteca Nacional.

<sup>9</sup>. É pertinente observar o uso do termo *bellas-lettas* ao invés de *obras literárias*: "Outra forma de dar dimensões humanas ao trabalho era concentrar a investigação na circulação de obras literárias, desconsiderando pedidos para remessa de outros gêneros de escritos. Entretanto, logo percebi que não era possível operar com o conceito de *literatura*, que, naquela época, significava coisa bastante distinta. Este trabalho não examina, portanto, obras *literárias*. Em primeiro lugar, pois o termo seria anacrônico, quando se pensa em século XVIII e no início do século XIX. Em segundo lugar, porque, no momento em que o termo passa a ser empregado na acepção moderna, a palavra *literatura* associa-se a algumas obras, alguns escritores, alguns leitores, algumas formas de ler, excluindo a maior parte da produção e das pessoas. Optei, por isso, pelo termo *belas-lettas*, que guarda a indefinição do período, permitindo que se considere um conjunto amplo de escritos - poesias, narrativas, peças oratórias e teatrais. Considerarei-os todos, por não compartilhar dos pressupostos subjacentes às exclusões operadas na virada do século XVIII para o XIX e aprofundadas nos séculos que se seguiram." (ABREU, 2002, p. 15).

<sup>10</sup>. Há muitos pedidos deste modo: "obras de (nome do autor)". Sendo que, por vezes, estes autores não escreveram apenas um único gênero literário, desta forma, não há como quantificar o número exato de solicitações para romance, poesia, teatro e relato de viagens. No entanto, mesmo que tal quantificação fosse possível, a prosa de ficção continuaria ser o gênero mais solicitado.

gosto) e a questão ética (os romances atentariam contra a virtude das pessoas, pervertendo a moral e os bons costumes)." (SILVA, 2003):

A perda de tempo nem sempre é o maior perigo oriundo dos maus Romances. Neles, estragamos o gosto, criamos falsas idéias de virtude, encontramos imagens obscenas, sujeitamo-nos sem perceber; e nos deixamos amolecer pela linguagem sedutora das paixões, sobretudo quando o autor soube emprestar-lhes as cores as mais graciosas.<sup>11</sup> (APUD: ABREU, 2002, p.257)

No Brasil também havia representantes da crítica contrária à leitura de romance, como o Padre Lopes Gama (1793-1852)<sup>12</sup>. No excerto abaixo, ele ironiza a futilidade da mulher ligada à prosa ficcional – que contava com uma quantidade significativa de obras, conforme é possível inferir pelos títulos citados:

Em que se há de entreter esta santinha a noite inteira? Oh, essa é boa! E para que se compuseram as *Mil e uma noites*, os *Mil e um quartos de hora*, as *Adelaides*, o *Menino da selva*, as *Joaninhas*, e tantas novelas, cuja nomenclatura talvez exceda às bibliotecas do Vaticano e do Escorial? Em ler esses bons mestres de moral, na aquisição dessas idéias eróticas entretém-se a menina (muito proveitosamente) até meia-noite, hora da ceia, e daí para a cama. Em que se ocupa esta senhora toda a sua vida? Em nada. (...) E sendo tão versada em novelas sentimentais, terá adquirido a habilidade de fazer charadas? Talvez que alguma *mademoiselle* Brumont lha tenha ensinado.<sup>13</sup> (APUD: SILVA, 2003)

Mesmo não tendo prestígio na época, o romance além de ser o gênero mais consultado de *bellas-lettras*, numa instituição mediadora de leitura, ocupou dez dos quinze títulos mais solicitados - conforme se visualiza na tabela:

---

<sup>11</sup>. BRUZEN DE LA MARTINIÈRE. (1731) *Introduction generale à l'étude des Sciences et des Belles Lettres, en faveur des personnes Qui ne savent que le François*. La Haye: chez Isaac Beaugard, pp. 189-190.

<sup>12</sup>. Foi responsável por *O Carapuceiro – Periódico sempre moral e só por accidens político*, cuja primeira publicação se deu em 1832, no Recife. O jornal é definido pelo Padre Lopes Gama como "...um periódico que se dirige a corrigir os vícios ridículos." [GAMA, Lopes. (1996) Organização Evaldo Cabral de Mello. "O nosso gosto por macaquear." *O Carapuceiro*, 14/01/1840). In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 346/347.] (APUD: SILVA, 2003)

<sup>13</sup>. GAMA, Lopes. Organização: Evaldo Cabral de Mello. (1996) "O Vadiismo". *O Carapuceiro*, 17/06/1837. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 197-198.

TABELA - BELLAS-LETRAS MAIS SOLICITADAS DE 1833 A 1843

Preferência	Obras solicitadas	Quantidade de pedidos
1	As mil e huma noites. Contos arábicos (Antoine Galland)	159
2	Histoire de Gil Blas de Santille (Alain René Lesage)	145
3	Les Aventures de Télémaque (François de Salignac de la Mothe-Fénélon)	130
4	Contos de Mogol, ou os mil e hum serões	115
5	Os Lusíadas (Luís de Camões)	106
6	O Viajante Universal (Joseph De Laporte)	93
7	Obras de Chateaubriand	82
8	Fabula de Esopo	76
9	Viagens de Antenor pela Grécia e Ásia	73
10	Décadas de Barros	72
11	Novelas orientais, por um sábio da Pérsia	69
12	Metamorphose (Ovídio)	67
13	A Ilha incógnita	63
14	Pamela Anderson, ou Virtude Recompensada (Samuel Richardson)	52
15	O feliz independente do mundo da fortuna	51

Dos títulos acima, são considerados prosa de ficção: *As mil e huma noites*, *Contos arábicos* (Antoine Galland), *Histoire de Gil Blas de Santille* (Alain René Lesage), *Les Aventures de Télémaque* (François de Salignac de la Mothe-Fénélon), *Contos de Mogol, ou os mil e hum serões*, *Viagens de Antenor pela Grécia e Ásia*, *Novelas orientais, por um sábio da Pérsia*, *A Ilha incógnita*, *Pamela Anderson, ou Virtude Recompensada* (Samuel Richardson) e *O feliz independente do mundo da fortuna*. Também é possível supor que entre as *Obras Completas de Chateaubriand* também fossem consultados romances.

Ainda que não seja possível afirmar que entre as obras de Chateaubriand fosse consultada prosa de ficção, é curioso notar que os quatro primeiros títulos mais solicitados pertencem a este gênero. Além disso, surpreende, ao comparar que dos 1.275 pedidos feitos para este gênero, 549 eram para *As mil e huma noites*, *Contos arábicos* (Antoine Galland), *Histoire de Gil Blas de Santille* (Alain René Lesage), *Les Aventures de Télémaque* (François de Salignac de la Mothe-Fénélon) - os quatro primeiros títulos da lista. Isso talvez implique que os romances fossem pedidos inúmeras vezes, pois seus consulentes procuravam ler todo o livro na Biblioteca, se estes os interessassem.

Nessa instituição, os relatos de viagem também eram muito procurados. Por vezes, suas histórias eram semelhantes a algumas prosas ficcionais. O sexto

lugar em número de pedidos na tabela (*O Viajante Universal*), por exemplo, se apresenta como verídico, porém tem passagens claramente ficcionais.

O romance parece ter despertado muito o interesse dos consulentes da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro. É possível supor que uma quantidade significativa de obras do gênero encontrava-se em francês, não apenas pelas solicitações realizadas com o título neste idioma, mas também pelos 43 pedidos de dicionários junto com: *Histoire de Gil Blas de Santille*, *Les Aventures de Télémaque*, *Fabules de La Fontaine*, *Les Aventures de Robinson Crusoe*, *Thesouro de Meninas*. Tais dados levam a pensar que os leitores podiam não ter domínio da língua francesa e, mesmo assim, isso não os impedia de ter acesso aos livros, ou ainda, que o interesse pelo gênero romanesco fosse tanto que talvez quisessem compreender até os detalhes que ocorriam nas obras.

Além disso, é possível relacionar a leitura de romances em outro idioma à aquisição de uma língua estrangeira. Há casos de consultas de prosa de ficção em português, a mesma obra em francês, bem como o pedido de um dicionário; tal como Antonio Conrado de Azevedo que, em 28 de março de 1836 (2º códice de registro – I-16, 4, 8), solicita "Aventuras de Telemaco 2Vol, Les Aventures de Telemàque 1Vol, Aritimética de Berzeut 1V, Diccionario Portuguez e Francês 1Vol". Ainda é válido destacar que a obra de Fénelon é uma mistura de dois gêneros desprestigiados na época: o romance e o texto didático. Na obra, Telêmaco (filho de Ulisses) procura o pai, ao longo da busca o autor tenta retratar lugares reais e míticos, fazendo com que este romance seja recomendado para a introdução à cultura clássica naquela época (ABREU, s/d). Deste modo, parece que a prosa de ficção relaciona não somente a instrução ao entretenimento, como pode apontar um dos primeiros passos no caminho da consagração do gênero romanesco num ambiente institucionalizado de leitura no Brasil.

Todavia, esse não parece ser o caso dos consulentes que buscavam *As mil e huma noites. Contos arábicos*, pois não foi um livro indicado pelos manuais escolares (AUGUSTI, 2006). Ademais, sequer há menção do idioma do(s) livro(s) presentes na Biblioteca. Existem indícios de que alguns consulentes lessem esta obra de Antoine Galland integralmente no ambiente da Biblioteca. É o caso de Joaquim Manoel Pereira, que consulta a obra nos dias 18, 21, 22, 24, 26 e 31 de julho de 1834 e continua consultando durante o mês de agosto, somente em 26 de agosto de 1834 troca de livro e começa a solicitar *Les Aventures de Thélémaque*<sup>14</sup>.

A partir da análise de tais dados, é possível pensar na leitura de romances na Biblioteca Nacional e Pública Rio de Janeiro como fonte de interesse pela

---

<sup>14</sup>. Vale ressaltar que não consta registro de visita de Joaquim Manoel Pereira na Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro em outros dias do período.

prosa de ficção antes mesmo que houvesse produção nacional do gênero. Tal fato pode ser considerado um dos indícios da aceitação do romance, por parte dos leitores brasileiros. Além disso, os livros de consulentos demonstram que o gênero romanesco, mesmo sofrendo restrições da crítica, era a leitura mais corrente num espaço de obras canônicas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA:

- ABREU, Márcia. (2002) *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras.
- \_\_\_\_\_. *O Rei e o Sujeito Considerações sobre o Brasil Colônia*. Artigo encontrado em: [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios) - consultado em 20 de abril de 2007.
- AUGUSTI, Valéria. (1998) *O romance como guia de conduta A Moreninha e Os Dois Amores*. Dissertação de mestrado em Teoria Literária apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Profª Drª Márcia Azevedo de Abreu. UNICAMP: Instituto de Estudos da Linguagem.
- \_\_\_\_\_. (2006) *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Tese de Doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem. Orientador: Profª Drª Márcia Azevedo de Abreu. UNICAMP: Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP).
- BROCA, Brito. (1979). O que liam os românticos. In: *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; (Brasília): INL.
- CHARTIER, Roger. (1990) (Trad.: Maria Manuela Galhardo). *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_. (1999). *A Ordem dos Livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UNB.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. (1998). *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática.
- MARTINS, Ismêmia de Lima. (2001) D. João VI no Brasil. In: *Brasiliana da Biblioteca Nacional. Guia das Fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. (2002) *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, Hebe Cristina da. (2003) *Padre Lopes Gama e o romance no Brasil*. Texto apresentado no II Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil, promovido pela Associação de Leitura do Brasil. Campinas/SP: UNICAMP, 22 a 25 de julho de 2003. Disponível no cd-rom com os Anais do COLE 2003.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *A Formação do Romance Brasileiro (1808-1860) Vertentes inglesas*. Disponível em: [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br) - consultado em 23 de abril de 2007.
- VILLALTA, Luiz Carlos. A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre Romance. Artigo encontrado em: [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/livroleitura.pdf](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/livroleitura.pdf) - consultado em 17 de abril de 2007.